

César COLL, Elena MARTÍN, Teresa MAURI, Mariana MIRAS, Javier ONRUBIA, Isabel SOLÉ & Antoni ZABALA, *O construtivismo na sala de aula. Novas perspectivas para a acção pedagógica* (trad. do espanhol), Porto, Edições Asa, 2001, 224 p.

No âmbito da Psicologia Educacional, o presente livro inclui uma colectânea de textos que procuram evidenciar o contributo da concepção construtivista na explicação dos processos de ensino e aprendizagem, fornecendo critérios para a análise, planificação e avaliação desses mesmos processos.

Em linhas gerais, defende que, para se compreender o processo de aprendizagem é necessário ter em conta os factores relacionados com o sujeito (actividades empreendidas durante o estudo, conhecimento prévio, capacidade, motivação, atribuições, expectativas, etc.), bem como as relacionadas com o meio envolvente (requisitos da tarefa, materiais, etc.). Reflete o interesse por formas complexas de aprendizagem, frequentemente caracterizadas como “significativas” que implicam o “aprender a aprender”/ “aprender para compreender”.

A obra encontra-se assim estruturada em sete capítulos. O primeiro, pertencente a Isabel Solé e César Coll e intitulado “Os professores e a concepção construtivista”, procede a uma descrição desta concepção, os seus conceitos fundamentais e as relações que entre eles se estabelecem. Apresenta uma reflexão sobre as teorias ou quadros explicativos úteis às tomadas de decisões que caracterizam o ensino.

O segundo capítulo, de Isabel Solé – “Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem” –, “trata das relações entre o sentido e o significado na aprendizagem e, numa perspectiva um pouco mais ampla, das relações entre o cognitivo e o afectivo-relacional, na perspectiva de que, numa lógica construtivista, quem aprende é a pessoa na sua globalidade, e essa aprendizagem repercute-se também globalmente na pessoa, no que ela sabe e na sua forma de se ver e se relacionar com os outros” (p. 23). Temas como motivação, autoconceito, representações, atribuições, expectativas são aqui explorados, interligados e relacionados com o rendimento escolar.

A ideia de que o processamento da informação não acontece no vácuo, de que a nova informação é processada em termos do conhecimento que o aluno já possui e o realce para a necessidade do professor conhecer o que o aluno sabe, surge no terceiro capítulo – “Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios”, de Mariana Miras. De facto, o aluno ingressa numa situação de

aprendizagem com uma grande quantidade de informação; o quanto e o como esta se encontra organizada é obviamente fonte de diferenças individuais, pois os conteúdos anteriormente adquiridos são utilizados na construção da representação da nova informação, influenciando a direcção da atenção, a monitorização dos requisitos da tarefa e as expectativas acerca dos resultados a obter. Assim, a autora realça que “para ensinarmos de uma forma consequente com o estado inicial dos nossos alunos, temos de procurar descobrir que disposição, que recursos e capacidades gerais e que conhecimentos prévios eles têm” (p. 73).

O quarto capítulo – “O que é que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares?”, de Teresa Mauri – aprofunda e dá continuidade ao capítulo anterior, ao falar de “esquemas de conhecimento e atribuição de significado”, entre outros aspectos. Mas vai mais longe, fornecendo ao professor algumas orientações em termos de procedimentos e actividades a desenvolver em contexto de sala de aula.

“Ensinar: criar Zonas de Desenvolvimento Próximo e intervir nelas” (Javier Onrubia) é a temática do quinto capítulo. A noção de *Zona de Desenvolvimento Próximo* (ZDP) foi proposta, nos anos 70, pelo psicólogo soviético L. S. Vygotski e “define-se como a distância entre o nível de resolução de uma tarefa que uma pessoa pode atingir, actuando independentemente, e o nível que pode alcançar com a ajuda de um colega mais competente ou mais bem preparado nessa tarefa” (p. 124 e 125). Segundo este autor, o processo fundamental do desenvolvimento é a internalização gradual e a personalização do que foi originalmente uma actividade social. Assim, neste capítulo, Javier Onrubia, como ele próprio afirma, “procura aprofundar esta característica do ensino enquanto ajuda, tentando dar resposta a algumas questões específicas a este respeito: que características deve ter a ajuda para cumprir, efectivamente, o seu objectivo de orientar e conduzir a aprendizagem; que critérios de intervenção se podem seguir, na prática habitual, para que essas características estejam presentes; o que é que implica, do ponto de vista do professor, entender o ensino como ajuda” (p. 121).

O sexto capítulo, “Os pontos de vista didácticos”, pertence a Antoni Zabala. Capítulo este dedicado a análise de critérios e de referentes que justificam determinadas opções metodológicas do professor, que podem ajudar a compreender o que se faz, o que não se faz e porquê em contexto de sala de aula, bem como a sua repercussão noutras variáveis, como por exemplo, formas de agrupar os alunos, organização dos conteúdos, distribuição do espaço e do tempo, contexto no qual se deve privilegiar o aprender a reflectir sobre a acção.

O sétimo e último capítulo intitula-se “A avaliação da aprendizagem no currículo escolar: uma perspectiva construtivista”, de César Coll e Elena Martín. Esta obra não poderia finalizar sem se debruçar sobre uma temática que assume entre os professores dos diferentes níveis de ensino um grande protagonismo: a avaliação. Temos consciência da existência de diferentes tipos de avaliação e de que esta pode e deve cumprir funções distintas e, conseqüentemente, da necessidade de utilizar processos e técnicas de avaliação igualmente diferenciados, bem como de que a avaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos proporciona ao professor informações imprescindíveis para ir ajustando, progressivamente, a ajuda que lhes presta no processo de construção de significados. Assim, os autores apresentam na p. 202 um quadro com uma proposta de delimitação e caracterização da problemática da avaliação das aprendizagens dos alunos e, na p. 217, um quadro que sistematiza os elementos e as decisões de avaliação na concretização progressiva das intenções educativas.

Em suma, estamos perante um livro de interesse, pois trata-se de uma obra que, através do recurso a exemplos práticos acompanhados de uma fundamentação teórica adequada, procura auxiliar os professores na actividade quotidiana das aulas, nas actividades de ensino e aprendizagem que nelas se levam a cabo. De referir, por último, o incentivo a reflexão dos professores, independentemente do nível de ensino, em contextos pré, inter e pós-acção.

*Célia Ribeiro*